

A ESCOLHA DOS TRÊS

STEPHEN KING

A ESCOLHA DOS TRÊS

Tradução de
ROSA AMORIM



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2014

A Don Grant, que arriscou com estes romances, um a um.

ARGUMENTO

A Escolha dos Três é o segundo volume de uma longa história intitulada *A Torre Negra*, um conto inspirado, e até certo ponto dele dependente, pelo poema narrativo «Childe Roland to the Dark Tower Came» de Robert Browning (que, por sua vez, tem a sua dívida para com *O Rei Lear*).

O primeiro tomo, *O Pistoleiro*, conta como Roland, o último pistoleiro de um mundo que «avançou», alcançou finalmente o homem de negro... um feiticeiro que perseguiu durante muito tempo — não sabemos ainda exatamente *quanto*. O homem de negro é afinal um sujeito chamado Walter, que falsamente disse ser amigo do pai de Roland nos tempos anteriores ao avanço do mundo.

O alvo de Roland não é esta criatura semi-humana, mas sim a Torre Negra; o homem de negro — e, mais concretamente, aquilo que o homem de negro *sabe* — é o primeiro passo no caminho que o conduz a esse lugar misterioso.

Quem é exatamente Roland? Como era o seu mundo antes de «avançar»? O que é a Torre e por que razão ele a procura? Temos apenas respostas fragmentárias. Roland é pistoleiro, uma espécie de cavaleiro, um dos encarregados de preservar um mundo que Roland recorda como «cheio de amor e luz», de impedir que ele avance.

Sabemos que Roland foi obrigado a submeter-se a uma precoce prova de maioridade depois de descobrir que a mãe se tornara amante de Marten, um feiticeiro muito mais forte que Walter (que, sem que o pai de Roland o saiba, é aliado de Marten); sabemos que Marten planeara a descoberta de Roland, na expectativa de que este falhasse

e fosse «enviado para Ocidente»; sabemos que Roland triunfa no teste.

Que mais sabemos? Que o mundo do pistoleiro não é completamente diferente do nosso. Sobreviveram coisas como bombas de gasolina e certas canções («Hey Jude», por exemplo, ou os versos burlescos «Feijão, feijão, é música de alto grito...»), assim como costumes e rituais estranhamente semelhante aos da nossa visão romantizada do Oeste americano.

E existe um umbigo que de alguma maneira faz a ligação entre o nosso mundo e o do pistoleiro. No apeadeiro de estrada de diligências há muito abandonada, num grande deserto estéril, Roland conhece um rapaz chamado Jake que *morreu* no nosso mundo. Um rapaz que, na verdade, foi empurrado da esquina de uma rua pelo ubíquo (e iníquo) homem de negro. A última coisa de que Jake, que ia a caminho da escola com a sacola numa mão e a lancheira na outra, se lembra do seu mundo — do *nosso* mundo — é de ser esmagado pelos pneus de um *Cadillac...* e de morrer.

Antes de alcançar o homem de negro, Jake morre novamente... desta feita porque o pistoleiro, confrontado com a segunda escolha mais agonizante da sua vida, opta por sacrificar este filho simbólico. Perante a escolha entre a Torre e a criança, possivelmente entre a condenação e a salvação, Roland escolhe a Torre.

«Então vá», diz-lhe Jake antes de mergulhar no abismo. «Há mais mundos além deste.»

O confronto final entre Roland e Walter decorre num gólgota poeirento de ossos em decomposição. O homem de negro expõe o futuro de Roland com um baralho de cartas de tarô. Estas cartas, que mostram um homem designado Prisioneiro, uma mulher chamada Senhora das Sombras e uma forma mais obscura que é simplesmente a Morte («Mas não a tua, pistoleiro», diz-lhe o homem de negro) são profecias que se tornam a matéria deste tomo... e o segundo passo de Roland no longo e árduo caminho em direção à Torre Negra.

O Pistoleiro termina com Roland sentado na praia do mar Ocidental, a contemplar o pôr do sol. O homem de negro está morto, o caminho futuro do pistoleiro é pouco claro; *A Escolha dos Três* começa nessa mesma praia, passadas menos de sete horas.

PRÓLOGO

O MARINHEIRO

O pistoleiro acordou de um sonho confuso que parecia consistir numa única imagem: a do Marinheiro do baralho de tarô com que o homem de negro anunciara (ou pretendia anunciar) o lastimoso futuro do pistoleiro.

Ele afoga-se, pistoleiro, estava o homem de negro a dizer, *e ninguém lhe lança a corda. O rapaz, o Jake*.

Mas aquilo não era um pesadelo. Era um sonho bom. Era bom porque era *ele* quem se afogava, o que significava que ele não era o Roland mas o Jake, e encontrou nisso alívio, porque seria bem melhor afogar-se como Jake do que viver como ele próprio, um homem que, por um sonho frio, traíra uma criança que confiara nele.

Está bem, ótimo, eu afogo-me, pensou ele, enquanto escutava o bramido áspero do mar. *Deixá-lo que me afogue*. Mas aquele som não era o da imensidão profunda; era o ranger da água com o pescoço cheio de pedras. *Seria* ele o Marinheiro? Se era, porque estava terra firme tão perto? Com efeito, não estava ele *em* terra? Era como se...

Uma água gelada ensopou-lhe as botas e subiu-lhe pelas pernas até ao sexo. Foi então que os seus olhos se abriram de repente, mas aquilo que o arrancou ao seu sonho não foram os testículos enregelados, que subitamente encolheram até ao que parecia ser o tamanho de nozes, nem sequer o horror à sua direita, mas pensar nas suas armas... as armas e, mais importante ainda, os cartuchos. As armas molhadas podiam ser rapidamente desmontadas, esfregadas para secar,

oleadas, esfregadas de novo, oleadas outra vez e montadas; os cartuchos molhados, à semelhança dos fósforos molhados, podiam ou não ser usados novamente.

O horror era uma coisa rastejante que devia ter sido arremessada por uma onda anterior. Arrastava laboriosamente pela areia um corpo molhado e reluzente. Tinha cerca de um metro e vinte de comprimento e encontrava-se a uns quatro metros para a direita. Olhava Roland com os seus olhos pretos e sombrios assentes em antenas. O seu bico comprido e serrilhado descaiu, abrindo-se, e começou a produzir um som que estranhamente se assemelhava à fala humana: perguntas lamuriosas, até mesmo desesperadas, numa língua estranha.

Did-a-chique? Dum-a-chum? Dad-a-cham? Ded-a-cheque?

O pistoleiro já tinha visto lagostas. Aquilo não era uma lagosta, se bem que de tudo o que ele já vira, as lagostas eram a única coisa com que aquela criatura se parecia, ainda que vagamente. Não parecia ter medo nenhum dele. O pistoleiro não sabia se era perigosa ou não. Não se importava com a sua própria confusão mental — a sua incapacidade temporária para se lembrar de onde estava ou de como tinha ali chegado, se tinha efetivamente apanhado o homem de negro ou se não passara tudo de um sonho. A única coisa que sabia era que tinha de sair da água antes de afogar os cartuchos.

Ouviu o bramido áspero e crescente da água e desviou os olhos da criatura (ela parara e segurava no ar as pinças com que se estivera a arrastar, lembrando absurdamente um pugilista na sua postura inicial, que, como lhes ensinara Cort, se chamava Postura de Honra) para a onda que se aproximava com o seu coalho de espuma.

Ela ouve a onda, pensou o pistoleiro. *Seja lá o que for, tem ouvidos.* Tentou levantar-se, mas as pernas, insensíveis de tão dormentes, cederam sob o seu peso.

Continuo a sonhar, pensou ele, mas, mesmo no seu atual estado de confusão, tratava-se de uma crença tentadora de mais para ser de facto credível. Tentou levantar-se de novo, quase conseguiu, mas tornou a cair. A onda estava a rebentar. Uma vez mais, não havia tempo. Tinha de se resignar a deslocar-se de maneira bastante idêntica à da criatura que se encontrava à sua direita: enterrava as duas mãos e arrastava o rabo pela praia de seixos, afastando-se da onda.

Não avançou o suficiente para evitar por completo a onda, mas afastou-se o bastante para o que tinha em mente. A onda enterrou-lhe apenas as botas. Chegou-lhe quase aos joelhos e depois recuou. *Talvez a primeira não chegasse tão longe como pensei. Talvez...*

Havia uma meia-lua no céu. Estava encoberta por uma calota de névoa, mas emanava luz suficiente para que ele visse que os coldres estavam demasiado escuros. Pelo menos as armas tinham-se molhado. Era impossível dizer com que gravidade, ou se os cartuchos que estavam nos tambores ou os que se encontravam nos cintos cruzados das armas também se tinham molhado. Antes de o verificar, tinha de se afastar da água. Tinha de...

Dod-a-choque?

Ouviu-se agora muito mais perto. Na sua pressa por causa da água esquecer-se da criatura que ela tinha trazido. Olhou em redor e viu que se encontrava agora a apenas um metro e vinte de distância. Tinha as tenazes enterradas na areia da praia, pontuada por seixos e conchas, e arrastava o corpo. Erguia o corpo carnudo e serrilhado, o que por momentos a fazia parecer um escorpião, mas Roland não via nenhum espigão na extremidade do corpo.

Mais um bramido áspero, este bem mais sonoro. A criatura parou imediatamente e levantou de novo as tenazes na sua peculiar versão da Postura de Honra.

Aquela onda era maior. Roland começou de novo a arrastar-se encosta acima e, quando estendeu as mãos, a criatura de tenazes deslocou-se a uma velocidade que os seus movimentos anteriores não faziam sequer imaginar.

O pistoleiro sentiu um forte ardor na mão direita, mas agora não havia tempo para pensar nisso. Impelindo-se com os calcanhares das botas ensopadas, agarrou-se com as mãos e lá se conseguiu afastar da onda.

Did-a-chique?, perguntou aquela monstruosidade com a sua voz lamentosa de Não me ajudas? Não vês que estou desesperado? E Roland viu os cepos do primeiro e do segundo dedos da sua mão direita desaparecerem no bico serrilhado da criatura. Ela investiu de novo e Roland ergueu a mão direita ensanguentada mesmo a tempo de salvar os restantes dois dedos.

Dum-a-chum? Dad-a-cham?

O pistoleiro levantou-se a cambalear. A coisa rasgou-lhe as calças de ganga a escorrer água, rasgou-lhe uma bota cujo couro velho estava amolecido mas era rijo como ferro e arrancou um pedaço de carne ao fundo da perna de Roland.

Ele sacou da arma com a mão direita e só se apercebeu de que faltavam dois dos dedos necessários para executar aquela operação assassina quando o revólver bateu na areia.

O monstro tentou avidamente apanhá-la com a tenaz.

— Não, sacana! — resmungou Roland, e deu-lhe um pontapé. Foi como pontapear um bloco de rocha... que mordida. Arrancou a biqueira da bota direita de Roland, arrancou-lhe a maior parte do dedo grande, arrancou-lhe a bota do pé.

O pistoleiro baixou-se, pegou no revólver, deixou-o cair, disse um palavrão e finalmente lá conseguiu. Aquilo que em tempos fora uma coisa tão fácil que nem sequer se pensava nisso transformara-se subitamente num truque semelhante a malabarismos.

A criatura estava agachada em cima da bota do pistoleiro, a rasgá-la enquanto fazia as suas perguntas distorcidas. Uma onda veio reventar na praia e a espuma coalhada na crista tinha um ar pálido e mortiço à luz velada da meia-lua. A lagostosidade deixou de trabalhar na bota e ergueu as tenazes naquela pose de pugilista.

Roland sacou da arma com a mão esquerda e premiu o gatilho três vezes. Clique, clique, clique.

Pelo menos agora já sabia o estado dos cartuchos nas suas câmaras.

Guardou a arma esquerda no coldre. Para guardar a direita teve de virar o cano para baixo com a mão esquerda e depois deixá-la cair no seu lugar. O sangue deixou peganentas as coronhas gastas de sândalo, salpicou o coldre e as calças de ganga velhas a que estava preso o coldre por uma faixa. Jorrava dos cepos onde costumavam estar os dedos.

O pé direito mutilado continuava demasiado dormente para que sentisse dor, mas a mão direita era toda ela um ardor lancinante. Os fantasmas de dedos talentosos e muito treinados que já estavam em decomposição nos sucos digestivos das entranhas daquela coisa gritavam que ainda ali estavam, que estavam a arder.

Antevejo problemas graves, pensou vagamente o pistoleiro.

A onda recuou. A monstruosidade baixou as garras, rasgou um buraco de fresco na bota do pistoleiro, mas depois decidiu que o seu dono tinha sido bem mais saboroso do que aquele bocado de pele que, por alguma razão, largara.

Dud-a-chum?, perguntou, e apressou-se em direção a ele com uma velocidade assustadora. O pistoleiro pôs-se em retirada mal sentindo as pernas, e apercebeu-se de que aquela criatura devia possuir alguma inteligência; aproximara-se dele com cautela, vinda porventura de longe na areia, sem saber bem o que ele era ou do que seria capaz. Se a onda não o tivesse acordado, aquela coisa ter-lhe-ia desfeito a cara enquanto ele continuava bem mergulhado no seu sonho. Agora decidira que ele era não só saboroso como também vulnerável; uma presa fácil.

Estava quase em cima dele; uma coisa de um metro e vinte de comprimento e trinta centímetros de altura, uma criatura que podia muito bem pesar trinta quilos e que era uma carnívora tão inveterada como *David*, o falcão que tivera em criança — mas sem sombra da lealdade deste.

O tacão esquerdo do pistoleiro bateu numa pedra saliente da areia e ele desequilibrou-se e esteve quase a cair.

Dod-a-choque?, perguntou a coisa, aparentemente solícita, e espreitou para o pistoleiro com os seus olhos ondulantes ao cimo das antenas, ao mesmo tempo que esticava as garras... e depois veio uma onda e as garras tornaram a erguer-se na Posição de Honra. Mas agora agitavam-se muitíssimo ao de leve e o pistoleiro percebeu que reagiam ao som da onda, e este — pelo menos para a coisa — esmorecia agora um pouco.

Ele recuou por cima da pedra, depois baixou-se quando a onda rebentou na praia de seixos com fragor. Tinha a cabeça a centímetros da face insetiforme da criatura. Uma das tenazes poderia facilmente ter-lhe ceifado os olhos, mas as garras trementes, tão semelhantes a punhos cerrados, continuavam erguidas de ambos os lados do bico como que de papagaio.

O pistoleiro estendeu o braço para a pedra por cima da qual quase caíra. Era grande, estava meio enterrada na areia, e a sua mão direita mutilada gritou quando grãos de poeira e as arestas mais afiadas

dos seixos lhe morderam a carne viva ensanguentada, mas tirou a pedra do chão e ergueu-a, com os lábios arrepanhados.

Dad-a, começou a monstruosidade, cujas garras baixaram e se abriram quando a onda rebentou e o seu som recuou, e o pistoleiro arremessou-lhe a pedra com toda a força que tinha.

Ouviu-se um barulho crepitante quando as costas segmentadas da criatura se partiram. Ela agitava-se loucamente debaixo da pedra, com a cauda a levantar-se até meio e a bater no chão, a levantar e a bater. As suas interrogações tornaram-se exclamações zumbidas de dor. As pinças abriam-se e fechavam-se no ar. A bocarra em forma de bico mordía grumos de areia e seixos.

E no entanto, quando rebentou outra onda, tentou levantar novamente as pinças e, ao fazê-lo, o pistoleiro pisou-lhe a cabeça com a bota que lhe restava. Ouviu-se um som como de muitos galhos secos a partirem-se. Surgiu um fluido espesso debaixo do tacão da bota de Roland, salpicado em duas direções. Parecia negro. A coisa arquejou as costas e contorceu-se freneticamente. O pistoleiro fincou a bota com mais força.

Veio uma onda.

As tenazes da monstruosidade ergueram-se dois centímetros... quatro... estremeeceram e caíram, abrindo-se e fechando-se com um tremor.

O pistoleiro descalçou a bota. O bico serrilhado da coisa, que lhe separara dois dedos da mão e um do pé do seu corpo vivo, abriu-se e fechou-se devagar. Uma das antenas jazia na areia, partida. A outra tremia sem sentido.

O pistoleiro tornou a pisar. E outra vez.

Afastou a pedra com um pontapé acompanhado de um grunhido de esforço e deslocou-se ao longo do lado direito do corpo do monstro, batendo metodicamente com a bota esquerda, a esmagar-lhe a carapaça, a espremer-lhe as entranhas pálidas para a areia cinzento-escura. Estava morto, mas queria fazer daquilo o que lhe apetecia; nunca na sua vida longa e estranha tinha sido magoado de modo tão fundamental e tudo aquilo fora tão inesperado.

Continuou até ver a ponta de um dos seus dedos na mistela amarga da coisa morta, viu debaixo da unha o pó branco do gólgota

onde ele e o homem de negro tinham tido a sua longa conversa, e depois desviou os olhos e vomitou.

Recuou em direção à água como um bêbedo, segurando a mão ferida junto à camisa, e de vez em quando olhava para trás para se assegurar de que a coisa não continuava viva, como uma vespa obstinada em que se bate vezes sem conta, mas que continua a estrebuchar, atordoada, mas não morta; para se assegurar de que não o seguia, com as suas interrogações alienígenas na sua voz fatalmente desesperante.

Quando chegou a meio caminho da praia deixou-se ficar balouçando, a olhar para o sítio onde estivera, recordando. Ao que parecia, adormecera, logo abaixo da linha da maré alta. Agarrou na bolsa e na bota desfeita.

À luz glabra da lua, viu outras criaturas do mesmo género, e na cesura entre uma onda e a seguinte ouviu as suas vozes interrogativas.

Recuou um passo de cada vez, retirou-se até chegar ao limiar relvado da praia. Aí chegado, sentou-se e fez tudo aquilo que sabia fazer: polvilhou os cepos dos dedos com o resto do tabaco para estancar o sangue, polvilhou-os com uma camada grossa, apesar da nova picada (o dedo grande do pé que tinha em falta juntou-se ao coro), e depois deixou-se ficar simplesmente sentado, a suar ao frio, a pensar em infeções, a pensar como havia de viver neste mundo sem dois dedos da mão direita (no que dizia respeito às armas, as duas mãos tinham sido iguais, mas a direita imperara em tudo o resto), a pensar se a coisa teria algum veneno na mordedura que pudesse já estar a exercer nele o seu efeito, a pensar se a manhã alguma vez chegaria.

O PRISIONEIRO

CAPÍTULO 1

A PORTA

1

Três. É este o número do teu fado.

Três?

Sim, o três é místico. O três encontra-se no coração do mantra.

Quais três?

O primeiro tem cabelo escuro. Encontra-se à beira do roubo e do homicídio. Foi infestado por um demónio. O nome do demónio é HEROÍNA.

Que demónio é esse? Não o conheço, nem sequer das canções infantis.

Tentou falar, mas ficara sem voz, a voz do oráculo, a Estrela-Galdéria, a Puta dos Ventos, tinham-se sumido as duas; viu uma carta revolver-se de nenhum sítio para sítio nenhum, virando-se e revirando-se na ociosa escuridão. Nella, um babuíno sorria do ombro de um jovem de cabelo escuro; os seus dedos, inquietantemente humanos, enterravam-se de tal maneira no pescoço do jovem que as pontas tinham desaparecido na carne. Ao olhar com mais atenção, o pistoleiro viu que o babuíno segurava um chicote numa das mãos que agarravam, estranguladoras. A face do jovem afligido parecia contorcer-se num terror mudo.

O Prisioneiro, murmurou em tom de cumplicidade o homem de negro (que em tempos fora um homem em quem o pistoleiro confiara, um homem chamado Walter). Ele é um bocadinho inquietante, não é? Um bocadinho inquietante... um bocadinho inquietante... um bocadinho...

2

O pistoleiro acordou de repente, acenando a alguma coisa com a mão mutilada, certo de que não tardaria a que uma daquelas coisas monstruosas de carapaça do mar Ocidental lhe caísse em cima, a inquirir desesperadamente na sua língua estrangeira enquanto lhe arrancava o rosto do crânio.

Em vez disso, uma ave marinha, atraída pelo brilho do sol da manhã nos botões da sua camisa, deu meia-volta e foi-se embora com uma grasnadela assustada.

Roland sentou-se.

A sua mão pulsava miserável e interminavelmente. O mesmo acontecia com o pé direito. Tanto os dedos da mão como do pé continuavam a insistir que ali estavam. A parte de baixo da sua camisa tinha desaparecido; aquilo que sobrava lembrava um colete esfarrapado. Tinha usado um pedaço para enfaixar a mão, e o outro para enfaixar o pé.

Vão-se embora, disse ele às partes do seu corpo em falta. Vocês agora são fantasmas. Vão-se embora.

Ajudou um bocadinho. Não muito, mas um bocadinho. Eram fantasmas, isso eram, mas vivazes.

O pistoleiro comeu carne seca. A sua boca pouco a queria, o estômago menos ainda, mas insistiu. Uma vez dentro do seu corpo, sentiu-se um pouco mais forte. Contudo, pouco sobrava; estava quase em apuros.

No entanto, havia coisas para fazer.

Levantou-se desequilibrado e olhou à volta. Os pássaros desciam em voo e mergulhavam, mas o mundo parecia pertencer somente a si e a eles. Os monstros tinham desaparecido. Talvez fossem notívagos; talvez dependessem das marés. Naquele momento, não parecia fazer qualquer diferença.

O mar era enorme, juntava-se ao horizonte num ponto azul enovado impossível de determinar. Por um longo momento, o pistoleiro esqueceu a sua agonia naquela contemplação. Nunca vira tal volume de água. Ouvira falar nas histórias infantis, claro, até lhe tinham

garantido os professores — alguns, pelo menos — que existia, mas vê-la de facto, esta imensidade, este espanto de água depois de anos de terra árida, era difícil de aceitar... era até difícil de *ver*.

Ficou a olhá-la durante muito tempo, extasiado, *obrigando-se* a ver, esquecendo temporariamente a sua dor naquele espanto.

Mas era manhã, e ainda havia coisas para fazer.

Apalpou a queixada no bolso traseiro, com o cuidado de tatear com a palma da mão direita, pois não queria que os cepos dos dedos a encontrassem se ainda ali estivesse, o que transformaria os intermináveis soluços da mão em gritos.

Estava.

Muito bem.

Adiante.

Desafivelou desastradamente os cintos das armas e estendeu-os numa rocha soalheira. Retirou as armas, fez girar as câmaras e removeu delas os cartuchos inúteis. Deitou-os fora. Um pássaro foi atraído pelo brilho luminoso projetado por um deles, apanhou-o com o bico, depois deixou-o cair e voou dali para fora.

As armas tinham de ser cuidadas, deviam tê-lo sido antes daquilo, mas dado que qualquer arma neste mundo ou em qualquer outro não passava de um taco sem as munições, pousou os cintos das armas no colo antes de fazer o que quer que fosse e passou cuidadosamente a mão esquerda pelo couro.

Cada um deles estava húmido desde a fivela até ao ponto onde os cintos se cruzavam nas ancas; daí em diante pareciam secos. Retirou cuidadosamente os cartuchos um a um das partes secas dos cintos. A mão direita não deixava de tentar fazer o seu trabalho, insistia em esquecer a mutilação apesar da dor e ele deu por si a levá-la vezes sem conta até ao colo, como um cão demasiado estúpido ou indomável para se curar. Na sua dor distraída, esteve quase a golpeá-la por uma ou duas vezes.

Antevejo problemas graves, pensou de novo.

Pôs os cartuchos, na expectativa de que ainda estivessem bons, num monte desanimadoramente pequeno. Vinte. Desses, uns quantos haviam seguramente de falhar. Não podia depender de nenhum deles. Retirou o resto e pô-los noutra monte. Trinta e sete.

Bom, de qualquer maneira não estavas muito munido, pensou, mas reconhecia a diferença entre cinquenta e sete cartuchos e o que poderiam ser vinte. Ou dez. Ou cinco. Ou um. Ou nenhum.

Pôs os cartuchos duvidosos num segundo monte.

Ainda tinha a bolsa. Pelo menos uma coisa boa. Pousou-a no colo para em seguida desmontar lentamente as armas e executar o ritual da limpeza. Quando terminou, tinham passado duas horas e a dor era tão intensa que o deixava tonto; o pensamento consciente tornou-se difícil. Queria dormir. Nunca na vida o desejara tanto. Mas ao serviço do dever nunca havia uma razão aceitável para a recusa.

— Cort — disse ele com uma voz que não reconheceu, e soltou uma gargalhada seca.

Devagar, muito devagar, tornou a montar os revólveres e carregou-os com os cartuchos que presumia secos. Uma vez concluída a tarefa, segurou aquele concebido para a mão esquerda, engatilhou-o... e depois tornou a baixar lentamente o gatilho. Queria saber, sim. Queria saber se quando premisse o gatilho se ouviria uma explosão satisfatória ou apenas mais um daqueles cliques. Mas um clique não significaria coisa nenhuma e uma explosão serviria apenas para reduzir vinte para dezanove... ou nove... ou três... ou zero.

Rasgou mais um pedaço da camisa, pôs nele os restantes cartuchos — aqueles que tinham sido molhados — e atou-o, usando a mão esquerda e os dentes. Meteu-os na bolsa.

Dorme, exigia-lhe o seu corpo. Dorme, agora tens de dormir, antes do escuro, não há mais nada, estás estafado...

Levantou-se a cambalear e olhou para um lado e para o outro da praia deserta. Era da cor de uma peça de roupa interior que há muito não fosse lavada, salpicada por conchas marinhas destituídas de cor. Aqui e ali, assomavam grandes rochas da areia de grão grosseiro, cobertas por guano, cujas camadas mais antigas eram amarelas como dentes velhos e as mais recentes eram manchas brancas.

A linha da maré alta era marcada por *kelp* seco. Viu pedaços da sua bota direita e dos odres perto dessa linha. Pensou que era quase um milagre os odres não terem sido arrastados para o mar pelas grandes ondas. Com passo lento, um coxear delicado, dirigiu-se para

onde eles estavam. Pegou num e abanou-o junto ao ouvido. O outro estava vazio. Este ainda tinha um pouco de água. A maior parte das pessoas não saberia ver a diferença entre eles, mas o pistoleiro conhecia cada um deles tão bem como uma mãe conhece os seus gémeos verdadeiros. Viajava há muito, muito tempo com aqueles odres. A água agitou-se no seu interior. Era bom — um presente. Quer a criatura que o atacara quer qualquer uma das outras poderia ter rasgado aquele odre ou o outro com uma dentada ou um golpe de tenaz, mas nenhuma o fizera e a maré poupou-os. Da criatura não havia sinal, embora tivessem os dois ido parar acima da linha da maré. Talvez outros predadores a tivessem levado; talvez os da sua espécie lhe tivessem dado um funeral no mar, como sucedia com os *inlefantos*, umas criaturas gigantescas de que ouvira falar nas histórias infantis e de que se dizia que enterravam os seus mortos.

Levantou o odre com o cotovelo esquerdo, bebeu profundamente e sentiu que recuperava algumas forças. Claro que a bota direita estava destruída... mas depois sentiu uma réstia de esperança. A sola estava intacta — arranhada mas intacta — e talvez fosse possível cortar a outra bota de maneira que ficassem semelhantes, fazer alguma coisa que durasse pelo menos algum tempo...

Foi tomado por fraqueza. Debateu-se, mas os joelhos fraquejaram e sentou-se, estupidamente mordendo a língua.

Não vais perder os sentidos, disse para consigo com determinação. *Aqui não, pode aqui vir esta noite outra coisa daquelas e acaba contigo.*

Assim, levantou-se e amarrou o odre vazio à cintura, mas andara apenas vinte metros de volta ao lugar onde deixara as armas e a bolsa quando tornou a cair, meio desmaiado. Ali ficou durante um bocado, com uma bochecha colada à areia, a aresta de uma concha cravada na linha do maxilar, quase o suficiente para fazer sangue. Lá conseguiu beber do odre e depois regressou ao lugar onde acordara. Havia uma árvore-de-josué vinte metros encosta acima — estava definhada, mas pelo menos daria alguma sombra.

Para Roland, os vinte metros mais pareciam vinte quilómetros.

Apesar disso, empurrou esforçadamente aquilo que restava dos seus bens até àquela pequena poça de sombra. Deitou-se com a cabeça na erva, caindo imediatamente naquilo que poderia ser sono, inconsciência ou morte. Olhou para o céu e tentou estimar as horas. Não

era meio-dia, mas a dimensão da poça de sombra onde estava a descansar dizia que o meio-dia estava perto. Aguentou-se mais um momento, virou o braço direito e levou-o para junto dos olhos, à procura das linhas vermelhas reveladoras de infeção, de algum veneno a penetrar com regularidade até ao centro do seu corpo.

Tinha a palma da mão de um vermelho mortiço. Não era bom sinal.

Bato punbetas com a esquerda, pensou ele, pelo menos isso.

Foi então tomado pelas trevas e dormiu as dezasseis horas que se seguiram, com o som do mar Ocidental a bater incessantemente nos seus ouvidos sonhadores.

3

Quando acordou o mar estava escuro, mas havia uma luz débil no céu a oriente. A manhã vinha a caminho. Sentou-se e quase foi vencido pelas vagas de tonturas.

Inclinou a cabeça para a frente e esperou.

Quando as tonturas passaram, olhou para a mão. Estava infetada, sem dúvida, um revelador inchaço vermelho que se espalhava pela palma acima até ao pulso. Parava aí, mas conseguia já ver os começos débeis de outras linhas vermelhas, que acabariam por conduzir ao coração e matá-lo. Sentia-se quente, febril.

Preciso de um remédio, pensou. Mas aqui não há remédios.

Teria então chegado tão longe para morrer? Não morreria. E se morresse apesar da sua determinação, morreria a caminho da Torre.

Mas que extraordinário que tu és, pistoleiro!, ouvia na sua cabeça o homem de negro dizer com uma risadinha. *Que indomável! Que romântico na tua estúpida obsessão!*

— Vai-te foder — resmungou, e bebeu. Também não restava muita água. Tinha um mar inteiro à sua frente, que de muito lhe serviria; água, água por todo o lado, mas nem uma gota para beber. Deixá-lo.

Afivelou os cintos das armas, atou-os — este processo era tão demorado que ainda não terminara quando a primeira luz fraca da aurora se intensificara no prólogo do dia propriamente dito — e depois tentou sentar-se. Só se convenceu de que era capaz quando o fez.

Segurando-se à árvore-de-josué com a mão esquerda, prendeu o odre ainda não bem vazio com o braço direito e lançou-o ao ombro. Seguiu-se a bolsa. Quando se endireitou, foi tomado novamente por uma fraqueza e baixou a cabeça, à espera, pronto.

A fraqueza passou.

Com passos vacilantes, em ziguezague, de homem nas últimas fases da embriaguez ambulatória, o pistoleiro fez o caminho de regresso até à praia. Ficou de pé a olhar um oceano negro como vinho de amora e depois tirou o resto da carne seca da bolsa. Comeu metade e, desta vez, tanto a boca como o estômago a aceitaram com um pouco mais de vontade. Virou-se e comeu a outra metade enquanto observava o Sol a erguer-se sobre as montanhas onde Jake morrera — parecendo a princípio agarrar-se aos dentes cruéis e desarborizados daqueles picos, depois erguendo-se acima deles.

Roland tinha o rosto virado para o sol, fechou os olhos e sorriu. Comeu o resto da carne seca.

Pensou: Muito bem. Agora sou um homem sem comida, com dois dedos a menos da mão e um do pé do que aqueles com que nasci; sou um pistoleiro com cartuchos que podem não disparar; estou a adoecer por causa da mordidela de um monstro e não tenho remédios; tenho água para um dia, com sorte; talvez seja capaz de andar vinte quilómetros se for até aos meus limites. Sou, em suma, um homem à beira de tudo.

Que caminho deveria tomar? Tinha vindo de leste; não podia seguir para oeste sem os poderes de um santo ou de um salvador. Restava-lhe portanto o norte ou o sul.

Norte.

Era a resposta que lhe dava o coração. Não havia nela qualquer interrogação.

Norte.

O pistoleiro começou a caminhar.